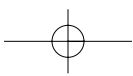
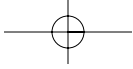


Passo I

Aqui

estou coberta pelo nascimento de Ana de Peñalosa e a neve, que ia fundir-se, voltou a cair; meu corpo está molhado, e meu espírito imerso em névoa. Preocupo-me com o espaço nevado do jardim, e seus habitantes — os melros, à procura de sobras e sementes, os gatos, Jade, Olo, as três galinhas. Tenho, por vezes, com os donos das lojas, conversas amistosas que me circundam durante o dia. O empregado do banco, cujo trabalho nestes dias de ruas alagadas pelo degelo, é sereno, pergunta-me se não foi difícil chegar; há nele um humor acolhedor e uniforme. A neve é, nestes dias, a verdadeira claridade da natureza e, de regresso, a nossa casa coberta de branco, parece-me enorme; tenho um sobressalto no que foi um jardim e vejo, à transparência, como o meu dia-a-dia e o nascimento de Ana de Peñalosa estão ligados; ligados a mim mesma, como se a estrutura dos arbustos e os relevos que sustentam a neve fossem o meu diário, e a neve total que os cobre, os meus livros, desde o livro das comunidades.



Passo II

É

é hoje que verdadeiramente, o nascimento de Ana de Peñalosa, nasce. Outro dia, apenas com algumas páginas escritas, ele tinha-se apresentado para nascer; mas era apenas um início, um horizonte fechado. Não estavam determinados nem a perspectiva, nem o lugar.

Ana de Peñalosa vive em Lisboa, num meio estado entre vir a envelhecer e envelhecer; as ruas da cidade até ao rio, ou a subida aos miradouros até ao alto das colinas, são os seus passeios escolhidos. Passeia, de preferência, de madrugada, ou à noite, quando os tons de luz vão modificar-se, e a cidade culmina no vazio, fica só para ela, ou quase. Conhece os monumentos, os nomes das praças e igrejas, a geografia real de todo aquele mundo vivo, como tudo foi sendo exposto à toalha lacustre do tempo. E é necessário, e é inexorável.

De vez em quando, vive acontecimentos autênticos ocorridos na cidade, participa neles com a sua maneira de ver tão suave de horizontes; mas, tendo deixa-

do fisicamente a Comunidade de que fazia parte, e era uma das luzes, não deixou a recordação dos seus membros, que continuam a existir no plano do criado, e do incriado; não deixou, tão-pouco, a recordação da sua vida anterior, antes de fazer parte dessa Comunidade, que encontrou no exílio, isto é, para lá da vista tangível do seu mar Oceano Atlântico; como ela vive agora é com um hálito ligeiro na mão, halo, e esquece-se mesmo de escrever, por já tanto desejado ter escrito. Mas o mundo criado por ela, e o incriado, não a deixam; é uma questão de oportunidade.

Inesperadamente, recebe visitas verdadeiras, como as que imaginava, e tem que sair com Tejo-rio, Eleanora, São João da Cruz, Margarida, falar com eles. Ali-subbo habita uma horta próxima, traz-lhe legumes frescos que confunde, porque quer confundi-los, com produtos do mar.

Passo III

Tudo

tinha nascido como uma estrela irradiante, admitiu-o mais tarde; no decurso da vida efectuar, compenetrada, uma desritmada penetração de épocas, idades simbólicas do tempo; ao som do relógio que, naquele momento marcava cinco horas, vinte minutos, a quarta hora depois da uma hora e vinte, hora do nascimento, a parteira esperava a claridade do dia para sair, encostada à janela que dava para a rua dos Ourives, e que ela percorreria sempre com outro nome: a rua dos Ourives Transparentes, ou com o seu próprio nome que lhe seria dado, depois, em promessa de fidelidade. Por enquanto, uma época nascente espalhava-se à volta dela, que dormia nos cheiros de sua mãe

de quem era cativa.

Tímidas queixas levavam para dentro de casa, até à cozinha e à varanda, a música ligeira e celeste, e os animais de carga arrastavam na rua legumes e víveres para o mercado, através da luz artificial dos candeeiros que já se extinguia naquela manhã.